

A IDEIA

revista de cultura libertária

fundador e proprietário João Freire
director e editor António Cândido Franco
editor gráfico Luiz Pires dos Reis
redactor-adjunto João Mendes de Sousa

imagens (para este número): Aldina, Almerinda Pereira, Ana Rita, Antonio Sáez Delgado, António Salvado, Aube Breton-Elléouët (contracapa), Bruno Béu, Dominique Labaume, Fundação Cupertino de Miranda, Isabel Castro Henriques (Alfredo Margarido), Lagoa Henriques (herdeiros), Laurens Vancrevel (Brumes Blondes), Manuel Silva-Terra, Mário Cruz, Miguel de Carvalho, Nicolau Saião, Raquel Nobre Guerra e Rui Martinho (espólio de Virgílio Martinho).
capa Mário Botas, Retrato de Cruzeiro Seixas (montagem fotográfica, tinta da china e guache s/ papel, 1973, col. Cruzeiro Seixas – Fundação Cupertino de Miranda)
periodicidade anual (número duplo)

endereço rua dr. Celestino David n.º 13-C, 7005-389 Évora, Portugal.

endereço electrónico acvcf@uevora.pt

blogs <http://aideialivre.blogspot.com>; editorallicorne.blogspot.com

depositários Livraria Ler Devagar: rua Rodrigues Faria (Lisboa Factory), 103, Lisboa; Livraria Uni-Verso: rua do Concelho, 13, Setúbal; Editora Licorne: rua Conde de Monsaraz, 2, 7005 Évora.

impressão Guide, artes gráficas, lda.

depósito legal 365900/13

registo do título 104 197

ISSN 0870-6913

A *Ideia* é uma revista que faz da cultura o seu campo de acção; através da criação poética e artística, da expressão filosófica, da pesquisa social e da investigação histórica procura criar as bases dum espírito livre, criativo e solidário, contributo efectivo para a realização de todos os seres vivos.

Tirando este princípio geral, suficiente porém para lhe dar um propósito de acção, o libertário, e uma família de ideias, o *anarquismo cultural*, a revista não tem plataforma programática – ao menos para já. As colaborações não solicitadas são desejáveis, embora sujeitas a validação; da sua publicação ou não, a revista dará sempre nota ao autor. A responsabilidade dos textos assinados cabe aos autores, respondendo o director pelos não assinados. Não se segue uma norma ortográfica e várias grafias do português podem coexistir.

AS CONDIÇÕES DE EXPEDIÇÃO DA REVISTA ENCONTRAM-SE NA ÚLTIMA PÁGINA.

DESEJA-SE PERMUTA.

PIDESE CANJE.

ON DEMANDE L'ÉCHANGE.

CHIEDESI SCAMBIO.

WE ASK FOR EXCHANGE.

MAN BITTER UM AUSTAUSCH.

A IDEIA

revista de cultura libertária

II série – vol. 16 – n.º 71-72 – Outono de 2013

ÍNDICE	1	Júlio Conrado	
		Mário Henrique Leiria – o Vizinho surreal	89
DECLARAÇÃO	3	Gabriel Rui Silva	
A revista <i>A Ideia</i> em perspectiva	4	Casos de Direito Galático – Mário Henrique Leiria	95
I SURREALISMO EM PORTUGUÊS	13	João Freire	
Mário Cesariny		Mário Botas e Pedro de Sousa	99
Carta a Afonso Cautela	15	José Manuel de Vasconcelos	
Cruzeiro Seixas		Mário Botas e o Surrealismo	101
Carta Inútil e Comunicação quase Automática sobre D. Sebastião.	17	José Maria Carvalho Ferreira	
Alfredo Margarido		Em Memória de Mário Botas	108
Os últimos inéditos	21	Sofia A. Carvalho	
João Rui de Sousa		Leituras do Inferno em Ernesto Sampaio	110
Parafraseando Cesariny	26	Almerinda Pereira	
Albano Martins		Luiz Pacheco – a Vida num Biscate	118
Dívida a Cruzeiro Seixas	28	Claudio Willer	
António Salvado		O Surrealismo no Brasil	126
O Café Gelo e as <i>Folhas de Poesia</i>	31	Paulo Jorge Brito e Abreu	
António de Macedo		Poesia de António Maria Lisboa	135
Lima de Freitas: a surrealidade do Graal	34	Carlos Mota de Oliveira	
Pinharanda Gomes		Carta a Cruzeiro Seixas	138
António Maria Lisboa: uma gnoseologia lógico-poética	49	Pela mão da noite – a Artur Cruzeiro Seixas	140
Afonso Cautela		Pessoa escutou atentamente Cesariny	140
Surrealismo & Surrealistas	57	Manuel Silva-Terra	
Fernando Grade		Poema visual	141
Ao Surrealismo disse tudo	67	Isabel Guimarães	
Nicolau Saião		MA-NIF-EST-SUR-REAL-IN-i !	142
Mário, Ele Próprio e Nós Outros	71	Luiz Pires dos Reis	
Maria Estela Guedes		Da óptica guilhotina-err: o próprio dos novos amorosos	143
I. Carlos Eurico da Costa	76	Jorge Telles de Menezes	
II. Herberto Helder – é e não é um poeta surrealista	77	Extensão do Rossio – a António Maria Lisboa	145
Pedro Martins		Amadeu Baptista	
De Telmo a Herberto, os Passos em Volta	80	Cinco Saltos com os Surrealistas	146

Alexandre Vargas		Ruy Ventura	
Alexandre O'Neill e Mário Cesariny	148	O surrealismo e as suas consequências absolutas	206
João Carlos Raposo Nunes		João Mendes de Sousa	
Para Antº. Barahona da Fonseca	149	À Procura de Al Berto	211
Nunes da Rocha		Rui Sousa	
Petição (segundo Ângelo de Lima)	150	Dois Textos	214
Carta (entreadvertida) ao Galimar da rua da Emenda	151	Nádia Silvestre	
Abel Neves		"Não vos inquieteis, é a realidade que se engana"	220
[fragmento]	153	António Gonçalves	
Délio Vargas		O Centro de Estudos do Surrealismo	223
Torres	154	Miguel de Carvalho	
Manuel Silva Ramos		O Surrealismo Hoje	225
A poesia é quem mais ordena o fogo cruzado	156	Sumário Cronológico do Surrealismo Português Documento	228
Sobre Ernesto Sampaio	161	(Her de Vries e Laurens Vancrevel)	233
Fernando Cabral Martins			
Mário Cesariny: uma arte de cordel	164	II ENTREVISTA	
António Cabrita		Maria Teresa Horta	
Capelas Imperfeitas: a Festa da Inteligência	168	entrevistada por Fabio Mario Silva	234
Maria de Fátima Marinho			
O Surrealismo e o Real Quotidiano	171	III NOTAS & COMENTÁRIOS	237
Fernando B. Martinho		Jorge M. Colaço	
Lembrança de António José Forte	177	Louis Lecoin	240
Carlos J. Figueiredo Jorge		João Freire e Paulo Guimarães	
À Memória de António José Forte	180	O projecto MOSCA	243
António José Forte		António Cândido Franco	
Cem Anos de Anarquismo	184	Biblioteca "Textos Livres"	246
Virgílio Martinho		Joaquim Palminha Silva	
Café Gelo – Retratos	185	Manifesto Anti-Turístico	248
Manuel G. Simões			
Carlos Loures, a Pirâmide e o Café Gelo	187	IV Arquivo & Registo	251
António Cândido Franco		Colaboradores	281
André Breton, Libertário e Automatista	191		
<i>Pirâmide</i> – uma revista do surrealismo português	201		

DECLARAÇÃO

A revista *A Ideia* entra com este número em nova fase de existência, que em nada significa uma ruptura com o seu percurso anterior. Mantém-se a série de publicação e o contínuo numérico; por sua vez a alteração no subtítulo nada mais faz do que manifestar aquilo que já era claro para o leitor atento dos últimos tempos. *A Ideia* é hoje sobretudo uma publicação vocacionada para ser uma revista de cultura, sem com isso querer deixar de ser uma revista libertária.

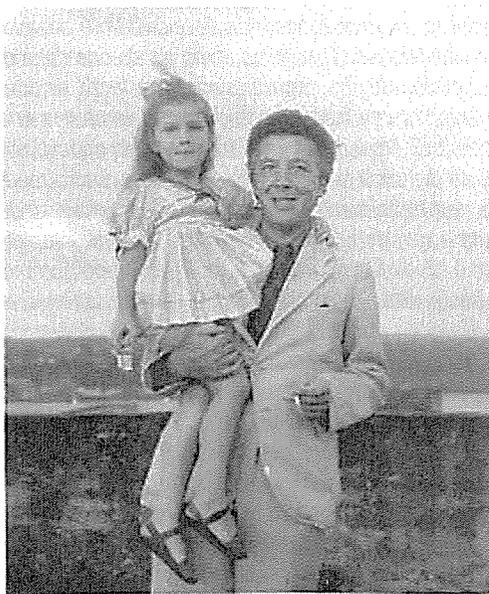
Mais do que valorizar à partida qualquer manifestação cultural, num espírito aberto, mas amorfo, prezamos as expressões culturais singulares que se mostrem avanços de liberdade, de humor, de criação. A cultura dos mandarins, a cultura mediática, a cultura repetida, a cultura ridícula das academias, a cultura vedeta, a cultura da concorrência, a cultura dos sabichões, a cultura do grande comércio não nos interessa; acarinhamos a cultura irreverente e libertadora, a cultura activa dos singulares, a cultura invisível. É com ela que se constrói o desejo, não com a outra.

Dedicamos este número d' *A Ideia* ao surrealismo, paradigma modelar de cultura libertária. Homenageamos alguns dos criadores que entre nós melhor assumiram o espírito pós-civilizacional do movimento, alguns deles colaboradores desta revista de longa data, e damos um contributo ao conhecimento do espírito da corrente e do que nele houve e há de libertário. André Breton, o espírito aquilino e altivo que catalisou a escola, também aqui comparece com informação inédita em português, alguma sobre Louis Lecoin. Ao surrealismo dedicou *A Ideia* o seu primeiro texto em 1981 (pela mão de Nicolau Saião), ao surrealismo voltou logo depois (com Cesariny, Lisboa, Alves dos Santos e outros), ao surrealismo regressa agora e no próximo número (Primavera – 2014), desdobrando e alargando este. Ao surrealismo regressará sempre e sem fim.

Uma última palavra para a entrevista inédita com Maria Teresa Horta, uma das mulheres portuguesas que mais fez entre nós pelo feminismo e a quem desde este pórtico agradecemos a deferência. *A Ideia* tem em Emma Goldman uma referência tutelar e no feminismo uma das suas bandeiras culturais mais antigas e mais firmes.

Terra, harmonizando-os, de acordo com a teoria fourrierista da satisfação integral das paixões e fora de qualquer noção de obrigação, mesmo revolucionária. O criador do surrealismo pôde assim construir com a *clara torre* do poema de Tailhade um símbolo imperecível das suas aspirações mais vastas.

E em Fourier, o do falanstério ou o do contrato social renovado pela felicidade, encontramos outra das linhas fortes que cerzem o Breton desta nota, que procura a arqueologia libertária do surrealismo. Depois de dar a lume *Arcano 17*, Breton descobre as obras completas de Charles Fourier (edição de 1846), de que só conhecia extractos, e numa viagem a Reno, Nevada, na companhia de Elisa, com quem então casa, e no meio duma reserva de índios Hopi, no Verão de 45, inicia e conclui a escrita celebrativa de *Ode a Charles Fourier*, que funciona assim como o poderoso elo que estabelece a ligação entre as recordações da Gaspésia e a colaboração dada ao jornal *Le Libertaire* em passo ulterior do regresso a Paris. Também esse texto, publicado em 1948 e que Ernesto Sampaio verterá para português em 1963, trará segundo Cesariny uma nota ao modo próprio com que o surrealismo português nasce na segunda metade da década de 40. Eis o momento em que a emancipação social deixa de ser dever moral ou obrigação política para passar a ser celebração do espírito e ponto onde a libertação dos conteúdos recalcados cruza o desvio mágico. Dito doutro modo, Freud encontra por fim em Fourier a sua lente de refração e Marx pode passar de mito a mimo.



A. Breton e a sua filha Aube, 1940.

PIRÂMIDE – UMA REVISTA DO SURREALISMO PORTUGUÊS A. CÂNDIDO FRANCO

O surrealismo francês, pela afeição particular de Breton ao modelo, foi um criador de revistas. O movimento nasceu numa revista dadaísta, *La Littérature* (1919-1924) e, mal nasceu, deu de imediato lugar a uma nova revista, *La Révolution Surréaliste* (1924-29), que se transformou depois na *SASDLR (Surréalisme au Service de la Révolution)*; 1930-33). E a partir dessa data, na década de trinta, o surrealismo francês fez com o editor suíço Albert Skira a revista *Minotauro* (1933-38), que só desaparece já quase no início da guerra. Em Janeiro de 1939 ainda apareceu a revista boletim *Clé*, órgão da F.I.A.R.I., que a guerra não deixou continuar e que (apenas) tirou dois números. No exílio, em Nova Iorque, Breton concebe no momento de chegada uma outra revista, que aparece em Junho de 1942, *VVV*, o triplo v da vitória e que dura quase até ao fecho do exílio (1944); entretanto, em Paris, na ausência de Breton, o surrealismo, dissidente este, cria um órgão clandestino, *La Main à Plume* (1941-44). Com o regresso de Breton a França em 1946, as revistas sucedem-se, *Néon* (1948-49), *Médium* (1953-54), *Le Surréalisme Même* (1956-59) e por fim *La Brèche-action surréaliste* (1961-65). Esta vocação do surrealismo francês se fazer através de revistas não pertenceu em exclusivo a André Breton, mesmo aceitando o que lhe deve, e muito é, pois depois da sua morte, em 1966, o movimento continuou a respirar por meio de revistas, como essa *Supérieur Inconnu*, fundada por Sarane Alexandrian (1927-2009), e que ainda em 2011, mesmo depois da morte do fundador, publicou um número. E não se pode falar das publicações do surrealismo francês, sem falar da revista *Phases* (1954-1975), fundada por Edouard Jaguer, um dos colaboradores de *La Main à Plume*, e na qual Mário Cesariny colaborou em 1973 com texto, “Para uma Cronologia do Surrealismo em Português”, vertido ao francês por Isabel Meyrelles.

Ao contrário do que se passa com o caso francês, o surrealismo português não tem revistas. Os diálogos entre O'Neill e Cesariny, ou entre António Maria Lisboa e Alves dos Santos, ou ainda entre Oom e Risques Pereira, ou mesmo entre António Dacosta e António Pedro, andaram por outros meios de expressão, que não as publicações periódicas. Cartas pessoais e públicas, livros colectivos e individuais, panfletos e bilhetes, antologias e cadáveres esquisitos, foram os meios usados, e por vezes com uma certeza e uma acutilância que em nada os secundariza. Embora a agitação surrealista tenha aparecido entre nós na década de 40, e se tenha feito sentir em Lisboa com certa largueza, se

AVISO AOS DISTRÁIDOS

A PIRÂMIDE anuncia o reaparecimento do TEMPO PRESENTE e aconselha a sua leitura às seguintes personalidades:

Almada Negreiros, Raúl Leal, José Régio, Miguel Torres, Brantingham da Faria, José-Augusto França, António Pedro, João Paulo de Andrade, Alfredo Margarida, João César das Neves, Domingos Monteiro, Artur Duas, António Quadras (guitarrista), António Quintas (57), Luís Francisco Rebelo d'Almeida, Manuel Cepêdeira, Gósta Scoville, Vitorino Nemésio, Manuel de Lima, Sofia de Melo Brejner, Urbano Tavares Rodrigues, Jorge de Sena, David Mourão Ferreira, Bontex Correia, José Marinês, Santiago Arce, Orlando Viçoso, António Ramos de Almeida, etc.

J.P.

COLEÇÃO
A ANTOLOGIA EM 1958

VOLUMES PUBLICADOS:

ALGUNS MITOS MAIORES ALGUNS MITOS MENORES PROPOSTOS A CIRCULAÇÃO PELO AUTOR — Mário Cesariny Vinçoncelos.
EXERCÍCIO SOBRE O SONHO E A VIGILIA DE ALFRED JARRY, seguido de O SENHOR CAGADO E O MENINO — António Maria Lisboa.
FESTA PÚBLICA — Virgílio Martins.
CARTA-SINCERA A JOSÉ GOMES FERREIRA — Luís Pacheco.
POESIA DE ARTE E REALISMO POÉTICO — Natália Correia.

*

VOLUMES A PUBLICAR:

NA SUA BREVE PASSAGEM PELA CIDADE
O CADAVER ESQUISITO

Desenho e textos automáticos colectivos de: Alexandre O'Neill, António Domingues, António Maria Lisboa, António Pedro, Calvet da Costa, Cruzado Seixas, Fernando de Azevedo, Henrique Risques Pereira, Herberto Helder, João Antur Silva, João Rodrigues, Jorge Vieira, José Sáez, Maria José, Mário Cesariny, Mário Leira, Pedro Oom e S. W. Taylor.